

# Barracas da Praia do Futuro: espaço de lazer em Fortaleza-CE

Débora Ferreira Freire<sup>1</sup>

Luzia Neide Coriolano<sup>2</sup>

**Resumo:** Fortaleza, capital cearense, recebe a alcunha de capital do sol, do sertão, do humor, do forró, do turista. Tem a praia como o principal cartão postal, que incentiva o fluxo de pessoas em busca do lazer e turismo. As praias configuram-se no imaginário social como espaços paradisíacos, onde se pode desfrutar de momentos de descanso e tranquilidade. A Praia do Futuro localizada no litoral leste da metrópole, objeto de estudo deste trabalho, configura-se como espaço destinado ao lazer dos residentes e turistas. Este estudo busca analisar as barracas da Praia do Futuro como equipamentos que oferecem serviços diferenciados para fluxos de turistas e residentes, que buscam apreciar a paisagem litorânea e usufruir da comodidade oferecida pelas barracas. E analisa o lazer como um dos principais componentes da atividade turística, uma vez que o entendimento desse conceito contribui para o desenvolvimento da atividade turística. Para a realização deste trabalho optou-se pelo método crítico, que dá conta das contradições e conflitos que perpassam o tema abordado. Está respaldado na revisão bibliográfica sendo essa fundamental a teorização do empírico, pesquisa hemerográfica, institucional e atividades de campo. A partir da realização deste estudo pode-se verificar que Praia do Futuro destaca-se como uma das praias urbanas de Fortaleza que recebe fluxo de turistas e residentes que buscam por espaços de entretenimento, descanso e lazer. E tem as barracas de praia como um dos principais atrativos turísticos da capital cearense.

**Palavras-chave:** Praia do Futuro. Lazer. Turismo.

## Introdução

Fortaleza, capital cearense, recebe a alcunha de capital do sol, do sertão, do humor, do forró, do turista. Apresenta-se segregada, com espaços onde estão implantadas infraestruturas para promover o embelezamento da cidade, enquanto o restante do território não dispõe de equipamentos primordiais para proporcionar condições de vida satisfatórias para a população residente. A Metrópole que era a capital com raízes sertanejas torna-se conhecida, em decorrência da ação do *marketing* turístico, como a cidade do sol, moderna e turistificada. A metrópole recebe sol intenso durante o ano em decorrência da localização geográfica do Ceará, nas proximidades do Equador, sendo área de grande luminosidade, com 2.800 horas de sol ao ano. O sol antes visto como algo que castigava e que trazia flagelos em decorrência das secas, ganha outra imagem decorrentes de políticas públicas, principalmente as de turismo. E passa a ser

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia - PROP GEO da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Email: deborageuece@gmail.com

<sup>2</sup> Profa. Dra. associada da Universidade Estadual do Ceará -UECE, docente do Programa de Pós-graduação em Geografia - PROP GEO. Coordenadora Adjunta do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turístico- MPGNT da UECE. Email: luzianeidecoriolano@gmail.com

um dos principais atrativos turísticos do estado do Ceará, além de contribuir positivamente para a construção da nova imagem do Estado. Conhecido como Ceará pobre, marcado pelas intempéries da seca, passa a ser o Ceará turístico, ensolarado, acolhedor e propício ao turismo. As praias passam a ser o cartão postal, que incentiva o fluxo de pessoas em busca do lazer e turismo.

O turismo é uma forma de lazer que implica consumo, pois para que ocorra faz-se necessário viajar. Muitos deslocamentos ocorrem em busca de “paisagem de sol, céu e água, ritmos opostos à rigidez do tempo de trabalho urbano” (Camargo, 2006, p. 26). A paisagem litorânea é composta por elementos, que compõem o imaginário daqueles que estão em busca de descanso e lazer. “O litoral entendido como praias, dunas, lagoas, coqueirais, paisagens naturais, constitui no estado do Ceará área prioritária para o turismo.” (Coriolano, 2001, p.93). O turismo de sol e praia é um dos segmentos turísticos mais dinâmicos. De acordo com pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo (2009) sobre hábitos de consumo do turismo brasileiro o roteiro preferido por 64,9% dos entrevistados inclui a praia, esse dado demonstra a importância atribuída a esse atrativo turístico.

As praias configuram-se no imaginário social como espaços paradisíacos, principalmente as localizadas distantes das metrópoles são consideradas espaços de fuga da realidade, onde pode-se desfrutar de momentos de descanso e tranquilidade. As praias urbanas estão incluídas na organização do espaço da cidade, com o uso e ocupação do solo relacionadas à dinâmica urbana.

Localizada no litoral leste de Fortaleza a Praia do Futuro objeto de estudo deste trabalho, configura-se como espaço destinado ao lazer dos residentes e turistas. Nela estão as barracas de praia que configuram-se como espaços que oferecem estruturas e serviços diferenciados para os que frequentam a praia, pois, apesar de a natureza apresentar-se como atrativo turístico, não é suficiente para fazer de um lugar um destino turístico. Uma vez que, juntamente com os atrativos naturais é necessária a infraestrutura de apoio para atender as necessidades dos turistas.

## **Metodologia**

Para a realização deste trabalho optou-se pelo método crítico, que dá conta das contradições e conflitos que perpassam o tema abordado. Compreender o mundo com uma visão crítica é entender que “tudo é em movimento, nada dura para sempre.” (Suertegaray, 1999, p. 11). Este método permite analisar a dinâmica, os conflitos e as contradições existentes no espaço das barracas da Praia do Futuro, objeto dessa investigação. O método crítico busca ir para além da aparência, do que pode ser apreendido por meio do senso comum, objetiva encontrar a essência dos fatos, as suas determinações. O método é o processo em si, contém a visão epistemológica do investigador, os teóricos, os conceitos, os instrumentos de coletas e modos de investigar e as interpretações dos dados. Por meio do método pode-se analisar a realidade de maneira sistemática, e chegar à compreensão da realidade em sua essência.

A metodologia é entendida como fio condutor da pesquisa, fornece direcionamentos norteadores do trabalho, sendo assim o processo de produção. Para auxiliar no entendimento da realidade estudada atenta-se para os seguintes passos da pesquisa. Em um primeiro momento reconhece-se o objeto, a problemática a ser investigada, realiza-se pesquisa hemerográfica, institucional; posteriormente ocorre a pesquisa de campo, interpretação e tratamento de dados, e a revisão bibliográfica sendo essa fundamental a teorização do empírico, uma vez que a explicação é mediada pela teoria. Becker (2007) afirma que utilizamos o tempo todo conceitos, sem eles não sabemos para onde olhar, o que procurar ou como reconhecer o que estamos procurando quando encontramos.

Os conceitos contribuem para o entendimento do real, respondem indagações da pesquisa. Para Deleuze & Guattari (1992, p. 45) “o conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é puro acontecimento que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna.” Assim, entende-se que os conceitos não apresentam reflexo exato da realidade empírica, uma vez que essa passa por constantes mudanças. Dessa forma, cada contexto histórico e geográfico, influencia o modo como a realidade é analisada e explicada pelos conceitos. Deleuze & Guattari (1992) explica que os conceitos são datados, assinados e batizados, submetidos a exigências de renovação, substituição, mutação. Haesbaert (2010) afirma que conceitos mudam de conteúdo de acordo com o tempo, contextualização histórica, e contexto geográfico em que originaram e/ou no qual estão inseridos. E não funcionam isolados dentro do pensamento de cada autor, mas em conexão com outros. Para V. Cruz (2010, p. 5) “(...) cada conceito produz uma linha, um regime de luz que ilumina de um certo modo a superfície do real, dando forma, contorno, maior nitidez e resolução a certos aspectos, dimensões e fenômenos da realidade”.

## **Barracas de praia: espaços de lazer**

As praias de Fortaleza são utilizadas como espaços de lazer, entretenimento e turismo, tendo nos calçadões o palco principal de uso. A Praia do Futuro localizada no litoral leste da metrópole além da faixa de praia tem as barracas de praia como atrativos turísticos. A Praia do Futuro administrativamente está dividida, segundo a Prefeitura Municipal de Fortaleza- PMF, em Praia do Futuro I e Praia do Futuro II. Os limites da Praia do Futuro I são: avenida Renato Braga até a Praça 31 de Março; oceano Atlântico até a rua Trajano Medeiros. A Praia do Futuro II tem seus limites na praça 31 de março até o rio Cocó e oceano Atlântico e a rua Trajano Medeiros. É uma praia urbana de fácil acesso, com atrativos naturais como a extensa faixa de praia, e infraestruturas de lazer e entretenimento destacando-se as barracas de praia, como equipamentos que atraem fluxos de turistas e residentes.

A ocupação do espaço da Praia do Futuro é heterogênea, com favelas, residências multifamiliares, espaços vazios, condomínios horizontais e verticais, comércio. “As favelas, os

bairros populares, os apartamentos, as residências da classe média e da classe abastada coabitam neste lugar heterogêneo, com fraca taxa de verticalização.” (Dantas, 2002, p. 71). A ocupação da Praia do Futuro se dá de forma intensa e dinâmica, Santos (1985, p. 2) mostra que “cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas.” O movimento da sociedade é o que provoca as mudanças nos lugares.

A Praia do Futuro pode ser definida como um lugar turístico, como explica R. d Cruz (2003) o lugar turístico é aquele que já foi apropriada pela prática social do turismo, essa realizada principalmente nos espaços litorâneos. A paisagem litorânea relacionada a elementos como sol e mar, está cada vez mais sendo associada a equipamentos produzidos pela atividade antrópica que artificializam a natureza. “Turismo e meio ambiente são realidades inseparáveis. Pode-se dizer que o turismo é uma abstração, e se torna concreta quando os viajantes entram em contato com os lugares, as paisagens e territórios turísticos.” (Coriolano, 2007, p. 19).

As barracas de praia tem funções relacionadas às práticas das atividades turísticas. São os equipamentos descritos como bares e restaurantes, próximos a faixa de praia, com infraestruturas diferenciadas, onde ocorre a materialização da atividade turística por meio da interação entre os diferentes sujeitos sociais. Foram inicialmente construídas na década de 1970 e ofereciam restritos serviços ao público consumidor, eram simples barracas de palha denominadas palhoças, delas só resta o nome barracas, pois são espaços urbanizados, algumas com luxo e conforto para lazer, diversificado quanto à estrutura física e os serviços que oferecem.

São equipamentos que não se restringem a função de apoio ao uso do mar e da praia, mas tornam-se muitas vezes o cenário principal de uso dos que buscam lazer e turismo. Desde as que possuem uma infraestrutura simples, e oferecem pratos típicos da culinária cearense, frutos do mar, *drinks* tropicais. As que dispõem de serviços como banco vinte quatro horas, *cyber* café, cafeteria, sorveteria, salão de beleza, massagens, guarda vidas, seguranças particulares, toboáguas, piscinas, música ao vivo, e *wi-fi*. De acordo com a presidente da Associação dos Empresários da Praia do Futuro, Fátima Queiroz, a Praia do Futuro recebe em média 100 mil pessoas durante uma semana no período da alta estação (Brito, 2014). O funcionamento de muitas barracas não fica restrito aos fins de semana, são oferecidas atividades como realização de *shows*, e outros eventos como mostra a (Figura 1).

A prática da atividade turística requer uma oferta de serviços como: meios de hospedagem, alimentação, eventos, entretenimento, entre outros. Infraestrutura do núcleo receptor como aeroportos, rodovias, marinas, redes de esgoto, instalações de tratamento de água, restauração de monumentos históricos, museus e centros de preservação ambiental, que beneficiam tanto aos turistas como a população residente.

**Figura 1. Atrativos da barraca de praia**



Fonte: Freire, 2013.

As barracas de praia estão inclusas nos serviços turísticos, que são compostos principalmente pelos meios de hospedagem, como hotéis, pousadas; de alimentação como restaurantes, lanchonetes, bares; de entretenimento como casa de show, cinemas, teatros; de apoio agências de turismo, locadoras de veículos, lojas de artesanato. Oliveira (s.d., p. 139), apresenta uma definição esclarecedora acerca dos serviços.

correspondem a uma classe de trabalho ou a uma divisão deste, que já não tem tão remotas ligações com a natureza, que seus produtos ou resultados da aplicação da força de trabalho resultam em produtos e materiais sem corporeidade, são 'serviços' uma forma muito especial da produção social.

Destaca-se na definição de Oliveira (s.d) que os serviços têm como principal característica resultar em produtos e materiais sem corporeidade. Pode-se tomar como exemplo o trabalho desenvolvido por um guia turístico, que conduz um grupo de turistas a determinado destino. O resultado do trabalho realizado por esse profissional não apresenta produtos que podem ser palpáveis, mas sim conhecimentos transmitidos aos que participaram dessa atividade.

O turismo é atividade segregadora no que se refere ao aspecto social, pois está restrita aos que já supriram necessidades básicas como alimentação, habitação e saúde, e possuem excedente de renda que possa ser utilizado para a realização de viagens. Sendo assim, a atividade não está ao alcance de todos os sujeitos sociais, e envolve principalmente as classes privilegiadas que detêm os meios de produção, e marginaliza a grande maioria dos sujeitos. Ao se falar na

inclusão e exclusão pelo turismo, verifica-se que na prática todos os sujeitos sociais estão incluídos no mesmo modelo socioeconômico, pois a mesma sociedade que inclui é a mesma que exclui, o relevante é saber como cada Estado ou cada grupo de inclui e quais são os conflitos e as contradições decorrentes dessa ação.

“O turismo é uma forma elitizada de lazer. É uma modalidade de entretenimento que exige viagem, deslocamento de pessoas, consumo do tempo livre e o uso de um equipamento por mínimo que seja como transportes e hotéis.” (Coriolano, 1998, p. 115). Na prática da atividade turística são realizadas ações que buscam o lazer, o entretenimento, como forma de fugir de obrigações e pressões impostas aos indivíduos. A compreensão do conceito de lazer contribui para o entendimento das necessidades dos indivíduos que compõem os fluxos turísticos direcionados aos núcleos receptores.

A concepção de lazer muda com o período histórico, e tem implicações diferenciadas no modo de vida dos indivíduos. Russell (2002, p. 28) afirma que “o lazer é essencial à civilização e, em épocas passadas, o lazer de uns poucos só era possível devido ao trabalho da maioria”. Para os gregos o que hodiernamente se aproxima do denominado lazer, associado às atividades intelectuais, é conceituado como ócio. Esse está relacionado com a percepção de quem o realiza, a palavra vem do latim *otium*, significa o fruto das horas vagas, do descanso e da tranquilidade. Entretanto o tempo e atividade por si só não caracteriza o ócio, uma vez que tem um forte caráter subjetivo. Atualmente, o consumo permeia grande parte das atividades de divertimento, que os indivíduos desenvolvem no tempo que dispõem para o ócio. (Aquino & Martins, 2007).

Se para os gregos o trabalho era considerado algo pejorativo, para os romanos o trabalho não era visto de forma negativa, o conceito de *otium* (não trabalho) não se rivalizava com o de *nec-otium* (origem de nossa palavra negócio); eles se ajustavam, estabeleciam uma forte complementação e dependência. O tempo de não trabalho era utilizado como um instrumento de controle da ordem e da difusão de valores e comportamento. Inaugurava-se a política do pão e do circo, com o objetivo de controlar as massas. (Melo & Jr., 2012).

Na Idade Média o ritmo do trabalho dos camponeses é ditado pelos tempos da natureza e pertencia ao indivíduo, que decidia como dividi-lo nas atividades laborais e de repouso. Mas para servos submetidos às ordens dos senhores feudais, o tempo de descanso e de trabalho atrelava-se aos ditames dos nobres.

Na modernidade ocorreram mudanças sociais, políticas e culturais. Melo & Jr. (2012, p. 31) explicam que o lazer “(...) é um fenômeno que emerge no conjunto de mudanças que marcam a construção do ideário e imaginário da modernidade.” Com a revolução industrial e a instituição do trabalho assalariado o tempo passou a ser contabilizado e objetivado para a produção, comercialização, não se admitindo a utilização de forma improdutiva para o ócio ou o lazer. “Os assalariados que tiveram seu trabalho regulado pelo relógio experimentam uma diferenciação entre o tempo de seu patrão e o seu próprio.” (Padilha, 2000, p. 50). Observa-se que “o tempo de lazer não estava na lógica de racionalização do tempo, instituída pelo capitalismo industrial do

século XVIII na Europa, do século XIX nos EUA, ou do início do século XX no Brasil.” (Camargo, 2006, p. 38) .

No início da industrialização com uma jornada de trabalho de mais de dezoito horas semanais, os trabalhadores não tinham um tempo específico para o lazer. Um dos temas básicos da luta dos trabalhadores era pela redução da jornada de trabalho. Na Europa Paul Lafargue, um jornalista francês, escreve ‘O Direito à preguiça, um manifesto originalmente publicado em 1880, que evidencia a necessidade do tempo livre para os operários, que estavam submetidos a longas jornadas de trabalho e péssimas condições de vida. As extensas jornadas de trabalho impostas aos operários implicam em prejuízos nos diversos aspectos como na saúde, por exemplo, além de comprometer a vida social. As pessoas não dispunham de tempo para conviver com seus familiares e estreitar os laços existentes, pois deveriam descansar para no dia seguinte suportar mais um dia de trabalho, para prover o sustento da família.

O tempo é contabilizado, de forma a priorizar as horas de labuta que se iniciavam ao alvorecer do dia e terminavam na chegada da noite. E estava diretamente relacionado à produção, de bens e mercadorias que são comercializados, indo a maior parte do lucro para os detentores dos meios de produção, enquanto que os trabalhadores recebiam ínfimos salários que não permitia que as necessidades básicas fossem suprimidas de modo satisfatório. O tempo é avaliado como um recurso importante e no sistema capitalista é tomado como sinônimo de dinheiro. Desse modo, a produção de bens e mercadorias, para o consumo, é tida como escolha prioritária para a utilização desse recurso.

Na contemporaneidade o lazer “é mediado pela mercadoria, que faz com que o cidadão, longe de se apropriar socialmente da cidade, através de brincadeiras, dos jogos, do ócio, se veja obrigado ao consumo da diversão” (Carlos, 2001, .p. 40). Aprofundando essa reflexão temos a explicação de Marcellino (1987, p. 28):

De fato, a observação da prática do lazer na sociedade moderna é marcada por fortes componentes de produtividade. Valoriza-se a ‘performance’, o produto e não o processo de vivência que lhe dá origem; estimula-se a prática compulsória de atividades denotadoras de moda ou ‘status’. Além disso, o caráter social requerido pela produtividade, confina e adia o prazer para depois do expediente, fins de semana, para a aposentadoria.

Ampliando a discussão acerca do lazer como mercadoria Faleiro (1980, p. 63) mostra como esse conceito é entendido na perspectiva marxista:

(...) podemos construir uma explicação suficiente para a problemática do lazer, enquanto determinadas atividades que se desenvolvem num tempo que, além de ser em si mesmo uma mercadoria, é veículo para circulação de outras mercadorias. E com esta natureza, o tempo tem duplo aspecto: valor de uso, na medida em que tem determinadas utilidades voltadas para a satisfação das

necessidades, sendo que a mais geral é a própria recomposição da força de trabalho, e valor de troca.

As atividades de lazer são influenciadas pela ‘cultura de massas’ que impõem o que é considerado como diversão, e o que deve ser consumido. As escolhas individuais de lazer são influenciadas por pressões exercidas pela família, comunidade ou pela religião. Entretanto, Mas cada sujeito é responsável por si próprio, e tem a liberdade de optar como usar o tempo livre para as atividades de lazer. Mas os que seguem as recomendações dos lugares a ser visitados, e dos produtos a serem consumidos são inclusos no ‘padrão aceitável’, e adquirem um status social.

A conceituação de lazer concebida pelo sociólogo francês Dumazedier (1980, p. 19) destaca a liberdade de escolha que os indivíduos têm no momento da escolha das atividades e define lazer como:

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Concordando com Dumazedier tem-se a definição proposta por Camargo, (2006, p. 34) “as atividades de lazer são, pois, desinteressadas, liberatórias, escolha pessoal, na busca de algum prazer.” Padilha (2000) questiona-se se na sociedade capitalista exista alguma atividade de lazer desvinculada dos fins apontados. Uma vez que os limites entre o que é obrigação e o que não é, se é institucional ou não, não são muito evidentes. Essa compreensão diverge da caracterização de lazer elaborada por Dumazedier, ao deixar claro que a atividade deve ser ‘desinteressada’, isso significa que, não pode ter fins lucrativos, utilitário ou ideológico.

Para Padilha (2000) o lazer pode ser entendido segundo duas variáveis básicas: o tempo e a atitude. De acordo com a variável atitude, o lazer é concebido como estilo de vida, configura-se como relação entre o sujeito e a experiência de vida de forma que propicie satisfação. A variável tempo relaciona-se à ideia de tempo livre, disponível após o cumprimento das obrigações sociais, e restringi os momentos de lazer a períodos desassociados das obrigações do trabalho. Kenneth (2006) compreende o lazer como produto da organização do trabalho, da economia de mercado, mostrando assim relação estreita entre trabalho e lazer.

Andrade (2001) explica que o lazer contribui para criar condições propícias ao bem-estar individual e social e colaboram para a formação particular e coletiva dos indivíduos, cooperando assim, para o desenvolvimento da sociedade em suas diferentes esferas.

## **Considerações finais**



A partir da realização deste estudo pode-se verificar que Fortaleza configura-se metrópole que possui o turismo como relevante atividade econômica, complexa e produtora de espaço, dinamizadora de fluxos de informações, pessoas e capital. O turismo pode ser entendido como uma forma elitizada de lazer, pois não está acessível a todos, mas aos que tem recursos disponíveis para essa atividade.

O lazer é um dos principais componentes da atividade turística, definido como fenômeno social múltiplo, não se restringindo apenas a fuga da realidade cotidiana, mas que contribui também para formação dos indivíduos. O entendimento desse conceito contribui para o desenvolvimento da atividade turística.

A paisagem litorânea é espaço privilegiado para a prática das atividades de lazer e turismo. No litoral leste da metrópole destacando-se a Praia do Futuro que dispõem das barracas de praia, que configuram-se como atrativos turísticos, são espaços destinados ao lazer dos residentes e dos turistas que vem à Fortaleza. Apresentam estruturas diversificadas, desde as mais simples luxuosas. Oferecem serviços diferenciados que atendem aos anseios dos que buscam apreciar a paisagem litorânea e também usufruir de comodidades ofertadas pelas barracas de praia.

## Referências Bibliográficas

- Andrade, J. V. (2001). *Lazer- princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autentica.
- Aquino, C. A., & Martins, J. C. (Set. de 2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Rev. Mal- Estar Subj.*, 7.
- Becker, H. S. (2007). *Segredos e truques da pesquisa*. (M. L. Borges, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Brito, F. (2014). *Praia do Futuro é o principal destino de moradores e turistas*. Diário do Nordeste. Recuperado em 20 de junho, 2014, de <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/praiado-futuro-e-o-principal-destino-de-moradores-e-turistas-1.1040971>
- Camargo, L. O. (2006). *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense.
- Carlos, A. F. (2001). *A cidade* (6ª ed.). São Paulo: Contexto.
- Coriolano, L. N. (1998). Lazer e turismo em busca de uma sociedade sustentável. In: L. N. Coriolano, *Turismo com ética* (p. 110). 121: EdUECE
- Coriolano, L. N. (2001). Turismo e degradação ambiental no litoral do Ceará. In: A. I. (org.), *Turismo: impactos socioambientais* (3 ed., pp. 93-103). São Paulo: Hucitec.
- Coriolano, L. N. (2007). Turismo e meio ambiente interfaces e perspectivas. In: L. N. Coriolano, & F. P. Vasconcelos, *O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências*. Fortaleza: EdUECE.
- Cruz, R. d. (2003). *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca.
- Cruz, V. d. (2010). Uma proposta metodológica para o uso/operacionalização dos conceitos na pesquisa em Geografia. *Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos- Crise, práxis e*

*autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaços de diálogos e práticas.* Porto Alegre.

Dantas, E. W. (2002). A construção da imagem turística de Fortaleza. *Mercator*(1).

Deleuze, G., & Guattari., F. (1992). *O que é filosofia.* (B. P. Jr, & A. A. Muñoz., Trans.) São Paulo: 34.

Dumazedier, J. (1980). *Valores e conteúdos culturais do turismo.* São Paulo: SESC.

Faleiro, M. I. (1980). Repensando o lazer. *Perspectivas*, pp. 51-65.

Haesbaert, R. (2010). *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Kenneth, R. (2006). *Leisure in contemporary society* (Vol. 2nd). Wallingford: CABI Publishing.

Lafargue, P. (1999). *O direito à preguiça.* (J. T. Netto, Trad.) São Paulo: Hucitec.

Marcellino, N. C. (1987). *Lazer e educação.* Campinas, São Paulo: Papirus.

Melo, V. A., & Jr., E. d. (2012). *Introdução ao lazer* (2 ed.). Barueri, São Paulo: Manole.

Ministério do Turismo. (Jul de 2009). Hábitos de consumo do turismo do brasileiro. Brasília.

Oliveira, F. d. (s.d.). O terciário e a divisão social do trabalho. *Estudos, CEBRAP.*

Padilha, V. (2000). *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito.* Campinas, São Paulo: Alínea.

Russell, B. (2002). *O elogio ao ócio.* (P. J. Júnior, Trad.) Rio de Janeiro: Sextante.

Santos, M. (1985). *Espaço e método.* São Paulo: Nobel.

Suertegaray, D. M. (maio de 1999). Nota sobre epistemologia da Geografia. (D. d. Geociências, Ed.) *Cadernos Geográficos*(1).